

“Nem parvos nem escravos” (para que serve a educação)

1 O tempo mudou. Em Portugal, na Europa e no mundo. Há mudanças positivas, muito positivas. Uma delas é, sem dúvida, a Educação para Todos como um objectivo universal e, para nós, um aumento significativo dos níveis educativos e de qualificação dos portugueses.

Nos anos 60, o analfabetismo era ainda uma pesada herança. A partir dos anos 70 e sobretudo depois de Abril, o caminho tem sido o de aumentar o número de anos de escolaridade e de valorizar a formação académica do maior número. Os nostálgicos das elites pretendem até que é demais. Mi-o-de-obra barata já foi o nosso único recurso exportável. Felizmente, deixou de ser. Da *Estratégia de Lisboa* à economia do conhecimento muitas têm sido as decisões europeias que apontam a qualificação como a resposta aos desafios mundiais do século XXI.

2. Cada tempo e cada geração tem os seus desafios, triunfos e problemas. Embora ache que não se pode falar de uma “geração” como um todo, pois há modos de ser e de estar muito diferentes em pessoas dos mesmos grupos etários, pertence à “geração” que lutou pela liberdade. Pela democracia, pelo direito ao saber, ao conhecimento, à livre expressão, à cidadania activa.

Hoje, apesar dos eternos lamentos de que “tudo muda”, de que há muitas “reformas”, com o se o tempo e as dinâmicas sociais pudessem ser estátuas de gelo, os desafios são outros, mas igualmente fortes e urgentes. Lutar contra a perda de energia democrática, recusar os “mercados” sem rosto quais nos deuses fustos, opomo-nos a uma economia que escraviza as pessoas. Lutar por mais cidadania, intervindo. Exigir mais justiça social, manifestando, inventando novas formas de ocupação do espaço público.

3. A canção dos Deolinda que está na moda celebrar é, para mim, uma canção triste. É



Ana Benavente

verdade de que “a cantiga é uma arma”. De combate, não de lamento impotente. O desenvolvimento económico actualmente dominante, próprio das ideologias de direita e de centro e ao qual se vergaram, infelizmente, muitos partidos socialistas, sacrificam os mais jovens, recusam a riqueza das suas qualificações, mas também nos sacrificam a todos. Uns porque não encontram trabalho depois dos 50 anos, os mais velhos porque vivem na solidão e morrem sozinhos. Não, não é confusão minha. Todas estas realidades fazem parte do mesmo modelo de sociedade. O da urbanização desenfreada, o da desertificação do interior, o dos lucros imediatos e sem estratégia sustentada, o do desprezo pelas pessoas que passaram a ser “recursos humanos” substituíveis e dispensáveis, o de falta de uma alternativa de sociedade. Regular a globalização, lutar pelos direitos humanos e sociais, é urgente...

4. Para que serve a educação? Na escola e em casa? Para a “empregabilidade” escrava? Para a passividade? Para cultivar silêncios e ausências? Ou serve para compreender o mundo em que vivemos? Para reconhecer o valor da acção individual e colectiva para mudar e melhorar esse mundo, começando pela nossa realidade mais próxima?

Cada geração faz o que pode e o que sabe pela que se lhe segue, para o bem e para o mal. Conquistámos a liberdade e a educação. O que querem os mais novos os fazer com esses bens? Não venham cantar “que saudades que eu já tinha da minha alegre casinha...”. É a vossa vez de lutar. E se é verdade que há jovens acomodados e sem ambição, outros há, e são muitos, que querem mais e melhor democracia. Para isso, participam, de modos vários, desde a criação individual à participação cívica e política na construção do bem comum.

5. Nem parvos nem escravos seria um bom refrão para um canto quotidiano. Só seremos escravos se formos

parvos. E somos parvos se nos deixarmos escravizar. É verdade de que, sendo a educação um bem precioso, a escola actual está longe de responder a os desafios sociais e pessoais. Prisioneira do passado, esmagada de burocracia, asfixiada por governantes sem rumo, debate-se num mal-estar que só terá saída numa visão de escola liberta de interesses particulares e de retóricas passadistas. Termino com uma citação de Cynthia Fleury (*Les Pathologies de la Démocratie*, 2005, Paris, ed. Fayard) que me conforta na certeza de não estar só:

“(…) é forçoso constatar que a escola se esforça sobretudo em formar não-perturbadores, pensando que tanto melhor preservará a saúde da democracia quanto mais produzir conformistas. Na da disso. Ensinando unicamente a norma e não o seu questionamento, instalamos a inevitável entropia: orquestramos o declínio da democracia. (...) É esta a razão pela qual o facto de reflectir sobre as novas práticas inovadoras da pedagogia, é trabalhar directamente sobre a saúde democrática, no sentido em que isso significa pensar os fundamentos do projecto democrático. A educação é, por isso, a própria fonte da democracia e não apenas uma consequência da democracia. Assim, se é importante ensinar conteúdos, não é esse o desafio principal do ensino público. (...) É preciso sermos capazes de nos servirmos do que sabemos e saber ainda por que razões e para quê utilizamos esses saberes” (pp. 204-209).

Acabem com a Área de Projecto e com o Estudo Acompanhado, acabem, recusem qualquer mudança inteligente, criminalizem o *bullying* e verem o as gerações do futuro desprezarem a democracia.

P.S.: Ficaria bem aos actuais dirigentes do PS aceitar as críticas de camaradas como fazendo parte da vida democrática. Insinuando que a política é feita de interesses pessoais, vêm-se ao espelho. *Socióloga, socialista (benavente.ana@gmail.com)*

*Se é verdade que há
jovens acomodados
e sem ambição,
outros há, e são
muitos, que querem
mais e melhor
democracia*